



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

A razão moderna e a pós-modernidade: aliança, sexualidade e diversidade sexual¹

Fernanda de Souza Borges

Orcid: [0000-0002-4628-3208](https://orcid.org/0000-0002-4628-3208)

Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina (Londrina, Brasil)

Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (Paraná, Brasil)

Doutoranda em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ (Rio de Janeiro/Brasil)

Membro do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana/ ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)

E-mail: feborges.psi@gmail.com

Tania Coelho dos Santos

Orcid: [0000-0002-5360-7864](https://orcid.org/0000-0002-5360-7864)

Pós-doutorado no Departamento de Psicanálise de Paris VIII (Paris, França)

Professora Associada nível IV no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Pesquisadora do CNPQ nível 1 C. Presidente do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)

Psicanalista Membro da École de La Cause Freudienne (Paris, França), da Escola Brasileira de Psicanálise (São Paulo, Brasil) e da Associação Mundial de Psicanálise (Paris, França). Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (São Paulo, Brasil).

E-mail: taniacs@openlink.com.br

Resumo: A psicanálise não pode ser desatrelada do contexto que lhe deu origem, ela surge como efeito da modernidade. O sujeito moderno se organiza a partir da moral sexual civilizada, que impulsiona os homens para produções no campo da cultura, no entanto produz a doença nervosa moderna. O patrimônio cultural é o bem comum que se conquista pela via da porção de satisfação pulsional perversa que é sacrificada neste processo. Freud sustenta a existência de uma formação de compromisso entre os tais termos – renúncia e satisfação –, uma razão que governa os fatos clínicos e sociais investigados pela psicanálise. Portanto, na modernidade, sintoma, laço social e discurso têm-a mesma estrutura. Lévi-Strauss fornece, com a lei da proibição do incesto, a regra de ouro que condiciona as estruturas elementares de parentesco e sua consequência lógica, a regra da exogamia. Juntas são responsáveis por determinar um vasto sistema de reciprocidade e trocas simbólicas, cujo único objetivo é manter coeso o tecido social. A mesma se traduz nas seguintes palavras da Escritura: “Deixarás o teu pai e a tua mãe”. Como essa estrutura universal se imprime e se expressa na modernidade e na contemporaneidade? O paradigma desconstrucionista da diversidade sexual atinge a razão moderna entre satisfação e renúncia. Sintoniza-se ao discurso do capitalista: não há impossível. A política da desconstrução é compatível com a política da psicanálise? Desconstruir conduz à subjetivação do real impossível, à ética do desejo e à responsabilidade pelo gozo?

Palavras-chave: Pós-modernidade; Aliança; Sexualidade.

Raison moderne et postmodernité : alliance, sexualité et diversité sexuelle: La psychanalyse ne peut être détachée du contexte qui l'a suscitée, elle apparaît comme un effet de modernité. Le sujet moderne s'organise à partir de la morale sexuelle civilisée, qui pousse les hommes à des productions dans le domaine de la culture, cependant il produit la maladie nerveuse moderne. Le patrimoine culturel est le bien commun conquis par la part de satisfaction pulsionnelle perverse qui est sacrifiée dans ce processus. Freud soutient l'existence d'une formation de compromis entre de tels termes – renoncement et satisfaction –, raison qui régit les faits cliniques et sociaux investigués par la psychanalyse. Ainsi, dans la modernité, symptôme, lien social et discours ont la même structure. Lévi-Strauss fournit, avec la loi de la prohibition de l'inceste, la règle d'or qui conditionne les structures élémentaires de la parenté et sa conséquence logique, la règle de l'exogamie. Ensemble, ils sont chargés de déterminer un vaste système de réciprocité et d'échanges symboliques, dont le seul but est de maintenir le tissu social ensemble. Il se traduit par les paroles suivantes de l'Écriture : « Tu quitteras ton père et ta mère ». Comment cette structure universelle s'imprime et s'exprime dans la modernité et la contemporanéité ? Le paradigme déconstructionniste de la diversité sexuelle heurte le rapport moderne entre satisfaction et renoncement. Il s'accorde au discours du

capitaliste : il n'y a pas d'impossible. La politique de déconstruction est-elle compatible avec la politique de la psychanalyse ? La déconstruire conduit-elle à la subjectivation de la réalité impossible, de l'éthique du désir et de la responsabilité de la jouissance ?

Mots-clés: Post-modernité; Alliance; Sexualité

Modern reason and postmodernity: alliance, sexuality and sexual diversity: Psychoanalysis cannot be detached from the context that gave rise to it, it appears as an effect of modernity. The modern subject is organized from the civilized sexual morality, which drives men to productions in the field of culture, however it produces the modern nervous disease. Cultural heritage is the common good that is conquered through the portion of perverse instinctual satisfaction that is sacrificed in this process. Freud sustains the existence of a compromise formation between such terms – renunciation and satisfaction –, a reason that governs the clinical and social facts investigated by psychoanalysis. Therefore, in modernity, symptom, social bond and discourse have the same structure. Lévi-Strauss provides, with the law of prohibition of incest, the golden rule that conditions the elementary structures of kinship and its logical consequence, the rule of exogamy. Together they are responsible for determining a vast system of reciprocity and symbolic exchanges, whose sole aim is to hold the social fabric together. It is translated into the following words of Scripture: "You shall leave your father and your mother". How is this universal structure imprinted and expressed in modernity and contemporaneity? The deconstructionist paradigm of sexual diversity hits the modern ratio between satisfaction and renunciation. It tunes in to the discourse of the capitalist: there is no impossible. Is the politics of deconstruction compatible with the politics of psychoanalysis? Does deconstructing lead to the subjectivation of the impossible, the ethics of desire and the responsibility for jouissance?

Keywords: Post-modernity; Alliance; Sexuality.

A razão moderna e a pós-modernidade: aliança, sexualidade e diversidade sexual

Fernanda de Souza Borges & Tania Coelho dos Santos

A psicanálise não pode ser desatrelada do contexto que lhe deu origem, ela surge como efeito da modernidade e é herdeira direta das transformações operadas pelo advento da ciência moderna. O pensamento iluminista, racional e matematizado deslocou o saber religioso que ordenava a sociedade medieval e instalou em seu lugar a razão científica, operando um corte na cosmologia de outrora e promovendo mudanças inéditas na história.

No ano de 1623, Galileu Galilei, considerado pai da física e da ciência moderna defendeu que, para ler o que está escrito no grande livro do Universo, era preciso entender sua língua, que é a língua matemática. Sem isso, a filosofia caminhará para o obscurantismo. Desenvolveram-se, a partir daí, instrumentos de observação, como a primeira luneta e o relógio de pêndulo. Tais observações foram responsáveis por promover novas teorias sobre o funcionamento do universo, que até então se concentravam na filosofia antiga e na religião. Somam-se a Galileu nomes como Copérnico, Descartes e Newton, dentre outros.

Preocupado com os desvios que a psicanálise vinha sofrendo na América e na Inglaterra, Lacan (1960/1998c) destaca o “passo copernicano” de Freud, pois

se a história da Ciência, em sua entrada no mundo, ainda é para nós suficientemente palpitante para que saibamos que nessa fronteira algo se mexeu naquele momento, talvez seja aí que a psicanálise se destaca, por representar o advento de um novo sismo (p. 811).

O sujeito que Freud formula ao recolher os *secrets d'alcove* é o resto da operação universalista da ciência, que procura reduzir o sujeito ao seu núcleo mínimo – *penso, logo sou* – desprovido de qualidades sensíveis. Freud promove o reingresso da verdade no campo da ciência ainda que para dizê-la recalcada (Lacan, 1960/1998c), assim podemos afirmar que “o sujeito do inconsciente, portanto, é o que resta recalcado sob o sujeito da ciência” (Coelho dos Santos & Lopes, 2013, p. 93).

Dessa articulação, decorre a tese de Lacan (1966/1998d) de que o sujeito sobre o qual a psicanálise opera não pode ser senão o sujeito da ciência. Não pode haver sujeito do inconsciente sem o corte epistemológico que rebaixou a cosmologia medieval e alçou a racionalidade ao primeiro plano, alocando as inquietações da alma como rebotalho da razão.

Na aurora do século XX, o indivíduo não tem mais medo das bruxas, padece, no entanto, da doença nervosa moderna, derivada da moral sexual civilizada. Por moral sexual civilizada Freud entende “aquela cuja observância estimula os seres humanos a um trabalho cultural intenso e produtivo” (Freud, 1908/2020a, p. 65). O sujeito que responde a essa moral de modo a desenvolver a doença nervosa moderna não consegue encontrar a boa medida entre suas satisfações e as exigências culturais. Freud (1908/2020a), no entanto, não advoga em nome da liberação sexual desmedida, afinal, “nossa cultura

é construída sobre a repressão de pulsões” (p. 72). O patrimônio cultural é o bem comum que se conquista pela via da porção de satisfação pulsional que foi sacrificada e que pode ser recuperada através de uma nova satisfação no nível do desejo.

Tem-se uma contabilidade difícil: o desenvolvimento cultural não pode ser dar às custas da doença nervosa, uma vez que a cultura precisa ter as forças libidinais à sua disposição para o progresso. Fixações obstinadas da pulsão inviabilizam sua utilização para fins mais afinados com a cultura. A solução é “incluir certa dose de satisfação da felicidade individual entre as metas do nosso desenvolvimento cultural” (Freud, 1908/2020a, p. 92). A regulação entre as satisfações individuais e os interesses civilizatórios constitui uma preocupação que atravessa a obra freudiana do início ao fim. O que Freud sustenta é a existência de uma formação de compromisso entre os tais termos – renúncia e satisfação – uma razão que governa os fatos clínicos e sociais investigados pela psicanálise.

O sujeito da psicanálise está condenado em decorrência de sua origem a aparecer através de formações de compromisso: sintomas, sonhos, atos falhos e chistes. O consentimento às exigências civilizatórias conduz ao incremento cultural nas formas de realizações do pensamento e do laço social através dos mecanismos privilegiados do recalque e da sublimação. A neurose é a defesa mais sintônica com a civilização. Coelho dos Santos (2001) destaca que o ideal de igualdade típico da modernidade, herdeiro da Revolução Francesa, visava funcionar como ficção jurídica que não tinha a pretensão de eliminar o real impossível, mas como uma formação de compromisso com vistas a promover o bem comum. Em troca de cartas com Einstein, entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, Freud destaca a relação entre a civilização, o recalque e uma tendência pacifista:

Por que nos indignamos tanto com a guerra, o senhor e eu e tantos outros, por que não a aceitamos como mais uma das muitas penosas desgraças da vida? Afinal, ela parece estar de acordo com a natureza, bem fundada biologicamente, praticamente inevitável. (...) acredito que a razão pela qual nos indignamos contra a guerra é que não podemos deixar de fazê-lo. Somos pacifistas porque temos razões orgânicas para isso. (...) desde os tempos imemoriais, ocorre na humanidade o processo de desenvolvimento da cultura. (...) as posturas psíquicas que o processo de cultura nos impõe estão em contradição com a guerra da maneira mais gritante, e é por isso que temos de nos indignar com ela, nós simplesmente não a suportamos mais, (...) para nós, pacifistas trata-se de uma intolerância constitucional (...) tudo o que estimula o desenvolvimento cultural também trabalha contra a guerra. (Freud, 1933/2020c, pp. 439-441).

A pulsão de morte não é eliminável. No entanto, se existe um antídoto – ainda que paliativo – frente ao pior, a aposta freudiana é na metaforização do gozo mortífero em formações comprometidas com a coesão social e o valor da vida humana. A moral sexual moderna equivale, em estrutura, aos sintomas, aos discursos e aos laços sociais. Todos respondem como formações de compromisso entre

desejo e gozo (Coelho dos Santos, 2009).

Não estamos certos de que o sujeito que nos chega hoje aos consultórios esteja submetido ainda à moral sexual civilizada moderna, nem que responda ao real com formações do inconsciente típicas. Parece haver, na verdade, uma rarefação dessas formações (Coelho dos Santos, 2014). Lacan (1953/1998a) acusou “o eclipse, na psicanálise, dos termos mais vívidos de sua experiência – o inconsciente, a sexualidade – dos quais parece que a própria menção logo deverá apagar-se” (p. 247). Quase 70 anos depois, o que sobrou do inconsciente e da sexualidade, tal como Freud a os formulou? Estaremos diante de um novo sismo?

Em defesa das causas inconscientes: estruturas elementares e trocas simbólicas

O surgimento da linguística, “ciência-piloto” do estruturalismo no Ocidente (Lacan, 1960/1998c), introduziu pela primeira vez nas ciências sociais a formação de relações que são necessárias ao funcionamento social em todo e qualquer tempo (Lévi-Strauss, 1949/2008). A partir da linguística estrutural, o antropólogo Lévi-Strauss pensa a sociedade como um conjunto de relações entre termos que só adquirem seu sentido em relação aos outros. Desde esse ponto de vista, empreende o projeto de estabelecer relações constantes que governam os fatos sociais e coletivos. À diferença dos historiadores, aos etnólogos interessa revelar as condições inconscientes da vida social: “leis gerais, mas ocultas” (Lévi-Strauss, 1949/2008, p. 49).

Se, como cremos, a atividade inconsciente do espírito consiste em impor formas a um conteúdo, e se essas formas são fundamentalmente as mesmas para todos os espíritos, antigos e modernos, primitivos e civilizados (como mostra claramente o estudo da função simbólica tal como expressa na linguagem), é necessário e suficiente atingir a estrutura inconsciente, subjacente a cada instituição e a cada costume, para obter um princípio de interpretação válido para outras instituições e outros costumes, contanto, evidentemente, que se avance suficientemente na análise (Lévi-Strauss, 1949/2008, p. 35).

A defesa das causas inconscientes parece estar em franco declínio das ciências humanas e sociais. *As Estruturas Elementares do Parentesco* (Lévi-Strauss, 1949/1982) é um livro que “trata dos princípios” (p. 20). No coração inconsciente da vida social, Lévi-Strauss encontra a lei universal da proibição do incesto, condição absoluta para que exista a sociedade humana.

O problema ao qual ele [Lévi-Strauss] se dedica é o mais fascinante e o mais desconcertante de todos os que tem mobilizado etnógrafos e sociólogos: trata-se do enigma colocado pela proibição do incesto. A importância desse fato e sua obscuridade resultam da situação única que ele ocupa no conjunto dos fatos humanos (Beauvoir, 2007, p. 184).

“A proibição do incesto se caracteriza como fato que instala a dobra entre natureza e cultura,

posto que possui ao mesmo tempo a universalidade das tendências e dos instintos e o caráter coercitivo das leis e das instituições” (Lévi-Strauss, 1949/1982, p. 49). É um processo pela qual a natureza ultrapassa a si mesma, promovendo o advento de uma nova ordem, que visa interditar relações endogâmicas e estimular a formação de grupos heterogêneos. A consequência lógica da proibição do incesto é, portanto, a regra da exogamia, sua expressão social ampliada que, num só golpe, interdita e prescreve:

Considerada como interdição, a proibição do incesto limita-se a afirmar, em um terreno essencial à sobrevivência do grupo, a preeminência do social sobre o natural, do coletivo sobre o individual, da organização sobre o arbitrário. Mas mesmo nessa altura da análise, a regra aparentemente negativa já engendrou sua inversa, porque toda proibição é ao mesmo tempo, e sob outra relação, uma prescrição (Lévi-Strauss, 1949/1982, p. 85).

As estruturas do parentesco constituem um sistema terminológico que prescreve para cada membro um sistema de atitudes e são responsáveis por organizar as uniões entre os membros de um grupo ou comunidade, respeitando divisões geracionais e sexuais.

Entendemos por estruturas elementares do parentesco os sistemas nos quais a nomenclatura permite determinar imediatamente o círculo dos parentes e os dos aliados, isto é, os sistemas que prescrevem o casamento com um certo tipo de parente (...) dividem-nos em duas categorias, a dos cônjuges possíveis e a dos cônjuges proibidos. Reservamos o nome de estruturas complexas para os sistemas que se limitam a definir o círculo de parentes e que deixam a outros mecanismos, econômicos ou psicológicos, a tarefa de proceder à determinação do cônjuge (Lévi-Strauss, 1949/1982, p.19).

São elementos inseparáveis das estruturas do parentesco: as regras do casamento, a nomenclatura (que determina quem ocupa qual posição no grupo), e, por fim, o sistema de privilégios e proibições. A estrutura do parentesco se ordena em torno de três elementos: consanguinidade, aliança e filiação. No entanto o que confere ao parentesco seu caráter de fato social são as modalidades de aliança, vínculo não natural. O valor desses sistemas é fazer do fato sexual um vasto sistema de trocas, característico da ordem humana, transmutando o fato natural da consanguinidade para o fato cultural da aliança (Lévi-Strauss, 1949/1982). Todas as sociedades visam à mesma coisa, promover a sobrevivência e o incremento cultural dos grupos impedindo que eles se fechem em si mesmos.

Em seu texto *A Família*, Lévi-Strauss (1956/1983) destaca que a proibição do incesto empurra para a dependência recíproca entre famílias, cujo casamento é a principal forma de aliança. A proibição do incesto alcança, ao fim e ao cabo, o mesmo fim que a natureza – acasalamento e procriação – por meio de uma “rede *artificial* [grifo nosso] de proibições e obrigações” (Lévi-Strauss, 1956/1983, p. 89).

Embora o advento científico somado ao discurso do capitalista ofereça cada vez mais as possibilidades de prescindir da relação à natureza, Lévi-Strauss pondera que as sociedades que têm recursos para se desvincular da natureza acabam por concluir – através das experiências – que “a melhor política é ainda aquela que permite ter em conta a natureza e as suas leis” (Lévi-Strauss, 1956/1983, p. 97). Sentencia: “as palavras das Escrituras: ‘Deixarás o teu pai e a tua mãe’, fornecem a regra de ouro (ou, se se preferir, a *dura lex*) ao estado de sociedade” (Lévi-Strauss, 1956/1983, p. 97). *Dura lex, sed lex* – a lei é dura, mas é a lei.

A regra da exogamia conecta os homens através de laços de aliança que se ordenam em torno de um vasto sistema de trocas recíprocas caracterizadas pela circulação constante de bens, que mantém a engrenagem social sempre em movimento. Isso forma no espírito dos homens um sistema fundamental de reciprocidade. As trocas constituem “um fato social total”, porquanto são dotadas de significação social e religiosa, mágica e econômica, utilitária e sentimental, jurídica e moral (Lévi-Strauss, 1949/1982). Ao mesmo tempo em que ninguém sai mais rico do que entrou, há nas trocas o ganho de algo além das coisas trocadas. “Qualquer um, a todo instante e em todos os níveis, é negociável, pois o que nos dá qualquer apreensão um pouco séria da estrutura social é a troca” (Lacan, 1964/2008, p. 13).

Lévi-Strauss está tentando determinar estruturas invariantes, inconscientes e universais que governam os fatos sociais.

Em que consistem as estruturas mentais para as quais apelamos e cuja universalidade acreditamos poder estabelecer? São, parece, em número de três: a exigência da regra como regra; a noção de reciprocidade considerada como a forma mais imediata em que possa ser integrada a oposição entre o eu e o outro; enfim, o caráter sintético do dom, isto é, o fato de que a transferência consentida de um valor de um indivíduo para outro os transforma em parceiros, e acrescenta uma qualidade nova ao valor transferido” (Lévi-Strauss, 1949/1982, p. 123).

O sistema de trocas de dons recíprocos tende a se retroalimentar à medida que a cada um que cede um bem adquire no próprio ato de cessão o direito igual à uma aquisição. Cada renúncia que se faz em benefício do funcionamento social abre caminho para uma reivindicação, e assim sucessivamente.

Todo tipo de coisas podem ser trocadas. O objetivo intuitivo das trocas é o estabelecimento de um clima amistoso entre aqueles que são considerados estranhos ou até inimigos, “consiste em um conjunto de manobras, conscientes e inconscientes, para adquirir garantias e prevenir-se contra riscos no duplo terreno das alianças e das rivalidades” (Lévi-Strauss, 1949/1982, p. 94). Mesmo quando se trocam porcos por porcos há um ganho social posto que essas transações estimulam a cooperação. Destacamos que a troca é um sistema onde todos cedem e todos ganham para além dos objetos.

Os termos mais importantes desse sistema de trocas são as mulheres. Elas são os valores por excelência, dos pontos de vista biológico e social. Sem elas, a vida não é possível ou fica reduzida às piores formas de abjeção (Lévi-Strauss, 1949/1982). O caráter formal do sistema de trocas não deve dissimular que as relações de reciprocidade se dão entre seres humanos e que “estes seres humanos são indivíduos de sexos diferentes e que a relação entre os sexos nunca é simétrica (...) Esquecer este aspecto seria desconhecer o fato fundamental de serem os homens que trocam as mulheres, e não o contrário” (Lévi-Strauss, 1949/1982, p. 154). A mulher “figura como” objeto de troca e não como membro do grupo entre os quais a troca se realiza, embora com frequência, adverte Lévi-Strauss, seus sentimentos sejam levados em consideração.

A troca das noivas é o auge desse processo ininterrupto de dons recíprocos, caracteriza-se pelo fato de que alguém só pode receber uma mulher se puder, em contrapartida, oferecer uma mulher: a mãe, a irmã ou a filha. Destacamos que “a proibição do incesto é menos uma regra que proíbe casar-se com a mãe, a irmã ou a filha do que uma regra que obriga a dar a outrem a mãe, a irmã ou a filha. É a regra do dom por excelência” (Lévi-Strauss, 1949/1982, p. 522). Assim, proibição e obrigação de trocar são coextensivas e a regra da exogamia não visa outra coisa senão a circulação total e contínua das mulheres e suas filhas, fazendo da troca um valor social presente em todos os grupos humanos. Nenhum desses sistemas é absolutamente rígido a ponto de determinar uma única possibilidade, de modo que sempre há liberdade de escolha. A proibição do incesto é, no entanto, uma afirmação pelo grupo de que “em matéria de relação entre os sexos *não se pode fazer o que se quer* [grifo do autor]” (Lévi-Strauss, 1949/1982, p. 83).

A troca das mulheres é o centro de debates acalorados entre o estruturalismo e as correntes feministas, até mesmo no interior da antropologia. O fato de que são os homens que trocam as mulheres e não o contrário, é de difícil assimilação nas ciências humanas e sociais que prescindem da linguística. A modernização dos costumes vivida no último século, somada à ascensão das ideologias igualitária e individualista, parece contaminar a apreensão de tal assimetria. Françoise Héritier, antropóloga respeitada, considerada sucessora de Lévi-Strauss, sustenta o que ela chama de “valência diferencial dos sexos” no coração do pensamento humano, tomando a diferença entre os sexos como matriz da atividade simbólica humana.

Segundo esta autora, isso deriva do fato incontornável de que os seres humanos observam as qualidades sensíveis, de modo que o biológico constitui um dado da observação. Não se trata de definições de masculino e feminino por natureza, mas da observação de que existe uma “assimetria funcional”, são as mulheres que trazem as crianças ao mundo, “como podemos imaginar que teremos ideias que não sejam criadas em função de uma relação com a realidade? (...) O corpo e o pensamento são duas coisas que andam juntas”, afirma Héritier em entrevista concedida a Sztutman e Nascimento (2004).

Mesmo herdeira de Lévi-Strauss, Héritier se embaraça com as próprias constatações, afirma que a dissimetria estrutural acaba por ser vivida em benefício dos homens e que seria preciso inverter

a perspectiva de modo a colocar os homens para cuidar das crianças, tornar o trabalho doméstico mais atraente através de prestígio e dinheiro e apostar na contracepção como verdadeira revolução.

Basualdo (2013) defende que se por um lado a diferença entre os sexos é um invariante biológico, isso nada tem a ver com as estruturas elementares do parentesco, a família heterossexual não deve ser "naturalizada". Mas se são os homens que trocam as mulheres, como é possível afirmar que a diferença sexual nada tem a ver com o parentesco? Lacan (1956-1957/1995) não desconhece essa querela. Ao interrogar se as coisas não podem ser invertidas, de modo às mulheres trocarem os homens, afirma:

A resposta de Lévi-Strauss é a seguinte. Pode-se sem dúvida, *do ponto de vista da formalização* [grifo nosso], descrever as coisas exatamente da mesma maneira tomando um eixo de referência, um sistema de coordenadas simétrico fundado nas mulheres, mas então um bocado de coisas seria inexplicável, e em particular a seguinte. Em todos os casos, mesmo nas sociedades matriarcais, o poder político é androcêntrico. Ele é representado por homens e por linhagens masculinas (Lacan, 1956-1957/1995, p. 195).

Esse achado é corroborado por Rosaldo (1980) que, interessada no fato incontornável, encontrado em absolutamente todas as sociedades por ela estudadas de que mesmo em sociedades matriarcais a vida pública, assim como certos tipos de atividades e decisões são reservadas aos homens, sinaliza a existência de um fato estrutural a que chamou "dominação masculina":

Com isso não quero dizer que o homem reine por direito, nem mesmo que ele reine, nem que as mulheres em todos os lugares são vítimas passivas de um mundo definido por homens. Mas apontaria, isto sim, para uma coleção de fatos relacionados que parecem argumentar que, em todos os grupos humanos conhecidos – a despeito das prerrogativas que a mulher pode gozar – a vasta maioria de oportunidades para o prestígio e influência pública, a capacidade para forjar relações, determinar inimizades, falar em público, usar ou renunciar ao uso da força, são todas reconhecidas como um privilégio e um direito masculino (Rosaldo, 1980, p. 08).

Embora a vida pública seja dos homens, a autora destaca que isso não se traduz nos comportamentos:

Pelo contrário, as mulheres tipicamente têm poder e influência na vida política e econômica, apresentam autonomia frente aos homens em suas ocupações, e raramente se encontram confrontadas ou constrangidas pelo que poderia ser o fato bruto da força masculina. Para cada caso em que vemos mulheres limitadas ou coagidas por homens poderosos ou por suas responsabilidades maternas ou domésticas, poder-se-iam citar casos demonstrando a

capacidade feminina de reagir, protestar em público, executar tarefas físicas árduas, e até subordinar as necessidades de crianças (em casa ou nas costas) aos seus desejos de trabalho, viagem, amor, política ou negócios (Rosaldo, 1980, p. 9).

Por que a escolha da expressão dominação, quando na verdade se trata de diferença de papéis, coordenada pelo fato incontestável – porém com frequência desmentido – de que são as mulheres que gestam, dão à luz e amamentam as crianças? A relação sexual é uma relação de dominação? A autora inclui a “dominação masculina” entre os termos universais como o casamento, a família e o parentesco: “assimetria sexual, assim como parentesco, parecem existir em todos os lugares” (Rosaldo, 1980, p. 11).

Margareth Mead foi precursora nesses estudos, inspirada por Lévi-Strauss, realizou, no início dos anos 30, uma vasta pesquisa com três tribos de Papua - Nova Guiné, na região do rio Sepik: os Arapesh, os Mundugumor e os Tchambuli (Chambri). Seu objetivo era investigar as relações entre os sexo e temperamento nas diferentes comunidades. Haveria relação necessária entre eles? O que ela revela é que não é possível determinar uma linha direta entre sexo e temperamento, existem tribos extremamente belicosas, e isso se imprime sobre homens e mulheres, e existem comunidades extremamente cooperativas, como é o caso da comunidade Arapesh. No entanto, Mead (1935/2020) constata em todas os grupos por ela estudados a presença de papéis sexuais definidos.

Cada uma dessas tribos dispunha, como toda sociedade humana, do ponto de diferença de sexo para empregar como tema na trama da vida social, que cada um desses três povos desenvolveu de forma diferente (...) E embora toda cultura tenha de algum modo institucionalizado os papéis dos homens e das mulheres, não foi necessariamente em termos de contraste entre as personalidades prescritas dos dois sexos, nem em termos de *dominação ou submissão* [grifo nosso]” (Mead, 1935/2000, p. 22-24).

A comunidade Arapesh é extremamente pacífica, constitui um exemplo onde a assimetria sexual comparece na forma de cooperação. O projeto mais cooperativo de todos é a criação dos filhos, onde homens e mulheres fazem coisas distintas na maior parte do tempo, mas participam intensamente da execução de uma “façanha comum”, o crescimento das crianças de modo seguro, confiante e gentil para com os outros.

É uma cultura em que homens e mulheres fazem coisas diferentes pelas mesmas razões; em que não se espera que os homens respondam a uma série de motivações e as mulheres a outras; em que, se dada a autoridade ao homem é porque a autoridade é um mal necessário que alguém, e esse alguém é o parceiro mais livre, deve exercer. É uma cultura em que se as mulheres são excluídas das cerimônias, é por causa delas próprias, e não como um artifício para

favorecer o orgulho dos homens (...). É uma sociedade onde o homem concebe a responsabilidade, a chefia, a apresentação pública e a adoção de arrogâncias como obrigações onerosas que lhe são impostas, e das quais ele se sente muito feliz em escapar na idade madura, logo que seu filho mais velho atinge a puberdade (Mead, 1935/2000, pp. 41-42).

Notamos nesse fragmento a leitura do mesmo fenômeno citado por Héri-tier (Sztutman & Nascimento, 2004), Basualdo (2013) e Rosaldo (1980) – a maior participação dos homens na vida pública – sob a ótica da cooperação e não da dominação. Segundo Mead, um homem Arapesh raramente pode desfrutar de seu próprio tempo e de seus próprios planos por longo período: “os homens gastam nove décimos de seu tempo respondendo aos planos de outros, cavando nas hortas dos outros, participando de caçadas empreendidas por outros” (pp. 46-47). Isso se deve ao intenso senso de cooperação estabelecido pela generalidade da proibição do incesto e das regras de reciprocidade.

Diz o ditado Arapesh:

Tua própria mãe

Tua própria irmã

Teus próprios porcos

Teus próprios inhames que empilhaste

Tu não podes comê-los

As mães dos outros

As irmãs dos outros

Os porcos dos outros

Os inhames dos outros que eles empilharam

Tu podes comê-los.

Se a interdição do incesto empurra os humanos para a exogamia e para as trocas, é preciso estabelecer um sistema de reciprocidade que é apoiado na aposta de que, ao renunciar a uma mulher, um indivíduo ou grupo adquire direitos de receber uma mulher. Aqui a figura do cunhado adquire seu mais alto grau de importância – o cunhado, laço horizontal entre os homens, é um ganho tão importante quanto uma mulher. O átomo do parentesco, contém, para Lévi-Strauss, quatro relações: marido-esposa; filho-filha; irmão e irmã e tio paterno-sobrinho. O que vale destacar é a presença de um outro homem no circuito, aquele que cedeu a mulher.

Mead (1935/2020) acaba por demonstrar que a proibição do incesto vale ainda mais pela sua vertente positiva do que pela interdição. Ao interrogar um integrante da tribo a respeito do que se passaria no caso de casar-se com sua irmã, esperando ouvir um relato a respeito da ira dos deuses ou dos castigos prescritos para esse tipo de transgressão, o que Mead (1935/2020) escuta é:

Mas como! Quererias casar com tua irmã? O que há contigo? Não queres ter um cunhado? Não compreendes que se te casares com a irmã de outro homem e um outro homem se casar com a tua irmã terás pelo menos dois cunhados, enquanto se te casares com tua própria irmã não terás nenhum? E com quem irás caçar? Com quem fará plantações? Quem irás visitar? (Mead citada por Lévi-Strauss, 1949/1982, p. 525).

Esse fragmento traduz o valor positivo da lei de interdição do incesto e sua consequência mais imediata, a exogamia: "dá-se com o casal incestuoso o mesmo que com a família avara: isola-se automaticamente do jogo que consiste em dar e receber, ao qual se reduz toda a vida da tribo" (Lévi-Strauss, 1968/1982, p. 529).

Deduzimos até agora que a proibição do incesto, regra de outro da vida social humana, conduz a um sistema de alianças, que visa resolver as ambivalências do laço social através do casamento e de transações pacíficas: "As trocas são guerras pacificamente resolvidas, as guerras são o desfecho de transações infelizes" (Lévi-Strauss, 1949/1982, p.107). Assim como Freud afirmou ser um pacifista, Lévi-Strauss destaca que a paz entre os homens depende do funcionamento dessa razão entre proibição e prescrição, renúncia e reivindicação.

Moral sexual moderna e a pós-modernidade

Como essa estrutura universal se imprime e se expressa na modernidade e na contemporaneidade? A sexualidade ganhou ao longo dos últimos três séculos um lugar privilegiado no Ocidente, como destaca Foucault (1976/2019). Esse autor esclarece que, com o advento das sociedades industriais e capitalistas, somado ao advento da *scientia sexualis*, houve uma gradativa mudança de acento dos dispositivos de aliança para outro dispositivo, o **dispositivo de sexualidade**:

Pode-se admitir, sem dúvida, que as relações de sexo tenham dado lugar, em toda sociedade, a um *dispositivo de aliança* [grifo do autor]: sistema de matrimônio, de fixação e desenvolvimento dos parentescos, de transmissão dos nomes e dos bens. (...) As sociedades ocidentais modernas inventaram e instalaram, sobretudo a partir do século XVIII, um novo dispositivo que se superpõe ao primeiro e que, sem o pôr de lado, contribui para reduzir sua importância. É o *dispositivo de sexualidade* [grifo do autor]: como o de aliança, este se articula aos parceiros sexuais mas de modo inteiramente novo. (...) Para o primeiro, o que é pertinente é o vínculo entre os parceiros com *status* definido; para o segundo, são as sensações do corpo, a qualidade dos prazeres, a natureza das impressões, por tênue ou imperceptíveis que sejam (...) Numa palavra, o dispositivo de aliança está ordenado para uma homeostase do corpo social, a qual é função manter; daí seu vínculo privilegiado com o direito; daí, também, o fato de o momento decisivo, para ele, ser a "reprodução". O dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de

maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global (Foucault, 1976/2019, p. 115-116).

A família permanece como resíduo da velha ordem. Curiosamente, a modernidade encontra aí um paradoxo: "cortou a cabeça do rei, baniu as antigas hierarquias feudais, mas manteve viva a família" (Coelho dos Santos, 2001, p. 262). O complexo de Édipo figura como a expressão moderna do regime de aliança e parentesco, que deve sua forma à progressiva redução da organização coletiva em célula familiar e à incorporação do dispositivo de sexualidade. "A família é o permutador da sexualidade com a aliança: transporta a lei e a dimensão do jurídico para o dispositivo da sexualidade; e a economia do prazer e a intensidade das sensações para o regime da aliança" (Foucault, 1976/2019, p. 118). A psicanálise reencontrou no seio da sexualidade "como princípio de sua formação a chave de sua inteligibilidade, a lei da aliança, os jogos mesclados dos esponsais e do parentesco, o incesto (Foucault, 1976/2019, p. 123).

O *locus* familiar é, portanto, o espaço privilegiado de enodamento entre aliança e sexualidade no século de Freud. Sobrou para pai e mãe a tarefa de transmitir os legados da civilização, tarefa antes investida de muitas vozes: "o ato de retalhar um boi na praça central da aldeia, ou as presas mortas na caçada, dá as crianças uma dramática demonstração do papel das relações de parentesco e da série de obrigações recíprocas que acarretam" (Lévi-Strauss, 1949/1982, p. 75).

Em *Função e campo da fala e da linguagem*, Lacan (1953/1998a) aborda a correlação entre os fenômenos da aliança e da sexualidade com a lei geral da linguagem:

O homem fala, pois, mas porque o símbolo o fez homem. Se, com efeito, dons superabundantes acolhem o estrangeiro que se deu a conhecer, a vida dos grupos naturais que constituem a comunidade está sujeita às regras da aliança, as quais ordenam o sentido em que se efetua a troca das mulheres, e aos préstimos recíprocos que a aliança determina (...). A aliança rege uma ordem preferencial cuja lei, implicando os nomes de parentesco, é para o grupo, *como a linguagem, imperativa em suas formas, mas inconsciente em sua estrutura* [grifo nosso] (p. 278).

A inconsciência da estrutura nos permite crer na liberdade das escolhas nos sistemas complexos de aliança, tal como o sistema em que vivemos, mas na verdade essa liberdade nunca se exerce ao acaso (Lacan, 1953/1998a). Ainda na pena de Lacan (1953/1998a):

É, justamente nesse sentido que o complexo de Édipo, na medida em que continuamos a reconhecê-lo como abarcando por sua significação o campo inteiro de nossa experiência, será declarado em nossa postulação como marcando os limites que nossa disciplina atribui à subjetividade, ou seja, aquilo que o sujeito pode conhecer de sua participação inconsciente no

movimento das estruturas complexas da aliança, verificando os efeitos simbólicos em sua existência particular, do movimento tangencial para o incesto que se manifesta desde o advento de uma comunidade universal (p. 278).

O inconsciente é a estrutura em ação. “Não é patente que um Lévi-Strauss, ao sugerir a implicação das estruturas de linguagem e da parte das leis sociais que rege a aliança e o parentesco, já vai conquistando o terreno mesmo em que Freud assenta o inconsciente?” (Lacan, 1953/1998a, p. 286). Lacan (1953/1998a) destaca que a proibição do incesto é apenas o eixo subjetivo da superposição da lei da cultura sobre a lei da natureza, cuja tendência moderna reduziu à mãe e à irmã os objetos interditados. Essa lei, “faz-se conhecer suficientemente como idêntica a uma ordem de linguagem” (Lacan, 1953/1998a, p. 279) pois nenhum poder está em condições de instituir as ordens preferenciais e os tabus sem as denominações do parentesco.

O Complexo de Édipo: a razão moderna

O Complexo de Édipo é a versão moderna do sistema do parentesco com todas as suas consequências: proibição do incesto, exogamia, aliança, trocas simbólicas e casamento. Se a regra de ouro do estado de sociedade é a proibição do incesto com sua dupla face – interdição e prescrição – no âmbito que compete diretamente a prática psicanalítica cabe interrogar o que, na família moderna, tem força para separar meninos e meninas de suas mães e encaminhá-los à vida pública e à união sexual. Isso equivale a interrogar o processo pelo qual o gozo incestuoso dá lugar ao desejo, dito ainda de outra maneira, como a sexualidade autoerótica, perverso-polimorfa dá lugar a sexualidade regida pela organização genital da libido.

Sabemos desde Freud que a mãe é o objeto primordial de satisfação para ambos os sexos, é ela quem introduz o princípio do funcionamento simbólico a partir de suas idas e vindas. A criança é para a mãe objeto fálico sobre o qual ela investe seu desejo e com o qual ela goza, a criança por sua vez apreende nas idas e vindas as melhores maneiras de fazê-la presente. Em algum tempo ela aprende a vestir as roupas do *phallus* materno, tornando-se uma espécie de “palhacinho da mamãe”. Estamos na etapa do amor de si, júbilo com a imagem, primeira conquista de um corpo próprio, a que Freud (1914/2010) chamou narcisismo. A onipotência da mãe sustenta a criança na ilusão de completude.

O complexo de castração é o operador central da saída desse idílio narcísico para a vida pública. A descoberta da diferença sexual anatômica, presidida pela descoberta de que à mãe algo falta, retira a criança do trono e altar. A castração é real, é tributária do advento do sujeito no campo da linguagem, porém ela não existe no campo do sujeito sem a incidência da privação, ou seja, “o fato de que a mulher não tem pênis, que ela é privada dele” (Lacan, 1956-1957/1995, p.223). A castração estrutural é efeito da linguagem sobre o corpo vivo, no entanto, só é apreendida no campo do sujeito a partir de uma tradução.

É que o significante que atinge o corpo está num registro, mas a diferença sexual articula o corpo com outro registro. No plano do corpo, a diferença sexual traduziria imaginariamente o traumatismo das relações entre linguagem e corpo vivo. O que se experimenta originalmente é o traumatismo da linguagem, mas desse traumatismo não temos nenhum registro (Coelho dos Santos, 2006, p. 112)

A tradução psíquica do traumatismo da linguagem se produz por meio da fantasia de castração, que separa os seres sexuados em fálicos e castrados. Até então reunida com a mãe, a criança ignorava essa estranha diferença dos corpos. A capacidade de simbolização dessa diferença é precária posto que, como nos ensina Freud (1908/2019a) a criança pensa a partir da incidência das pulsões parciais, donde só consegue apreender de modo limitado os fatos fundantes de sua existência. Essa descoberta é traumática porque condena os meninos à ameaça e as meninas à inveja.

Não há, no entanto, a possibilidade de tomar o real da diferença sexual sem passar pela maquineta simbólica e ficcional que institui a diferença nos termos do binômio do ter e do não ter. A verdade da castração, tem, necessariamente, estrutura de ficção. A distinção anatômica entre os sexos deve expressar-se em consequências psíquicas (Freud, 1925/2019c), de modo a encaminhar a sexualidade psíquica à maneira masculina e feminina. O recalque da sexualidade perversa polimorfa opera a organização genital da libido, sob a primazia do falo (Freud, 1923/2019b).

Admitida a castração materna, destronado e ameaçado, o menino se afasta da mãe em benefício de preservar seu órgão, investido narcisicamente. O pai é tomado como modelo identificatório de quem ele pode extrair as insígnias para sustentar, quando chegar a hora sua virilidade. O menino sai do Édipo com uma promessa, quando ele for grande ele poderá fazer uso das notas promissórias que leva no bolso. A identificação ao modelo, possibilitada pelo atributo fálico, protege os meninos do assédio pulsional, regula sua sexualidade em torno do falo. Para adentrar ao circuito das trocas, o menino precisa renunciar ao objeto primordial que é a mãe, será mais fácil se a mãe não for deveras todopoderosa².

A menina, por sua vez, se dirige ao pai com um “pequeno amargo na boca”, derivado da *Penisneid* (Lacan, 1957-1958/1999). Decorre da fantasia de castração um enorme ressentimento em relação à mãe, que prepara o terreno para que ela também, assim como o menino, se dirija ao pai e venha a esperar dele um *Ersatz*, um substituto do falo ausente. Destacamos que ameaça e inveja do pênis são termos salvadores, eles protegem meninos e meninas da tentação de serem devorados e de devorar suas mães. São versões freudianas do Nome-do-Pai. É porque o pai se faz preferir à mãe, num certo momento da caminhada edípica, que meninos e meninas podem relançar seus investimentos libidinais na direção da posição sexuada e da vida pública.

O complexo de Édipo é a estrutura que imprime a regra de ouro, “tem uma função normativa, não simplesmente na estrutura moral do sujeito, nem em suas relações com a realidade, mas quanto à assunção de seu sexo” (Lacan, 1957-1958/1999, pp. 170-171). A assunção do ideal do eu é correlata à

genitalização, o que integra nesse processo os termos do sexo e dos semblantes do gênero. Para Lacan (1957-1958/1999):

o ideal do eu desempenha uma função mais tipificadora no desejo do sujeito. Ele realmente parece estar mais ligado à assunção do tipo sexual, na medida em que este se acha implicado em toda uma economia que, vez por outra, pode ser social. Trata-se das funções masculinas e femininas (p. 302).

Pode acontecer que no caminho da realização simbólica do sujeito, se interponham obstáculos históricos ou biográficos e que diante do impasse com a castração o sujeito acabe encontrando uma solução atípica. Lacan (1956-1957/1995) é claro: existem soluções típicas e atípicas. Estas últimas são soluções profundamente marcadas pelo funcionamento imaginário, são elas as psicoses, as perversões e as fobias.

Os neuróticos, por sua vez, apesar de apresentarem o bilhete de entrada na ordem do símbolo, muitas vezes permanecem aderidos à leitura imaginária da diferença sexual – ameaça e inveja – não alcançando a dimensão do falo como vetor do desejo e das trocas. O encontro com o complexo de castração não é suficiente para integrar um sujeito nas trocas simbólicas, é preciso que ele seja capaz de efetuar um “salto lógico”.

Essa alternativa que captura a sexualidade infantil precisa ser ultrapassada na entrada da puberdade. Existe um salto lógico entre a significação da diferença sexual como alternativa entre ter e não ter o pênis e as identificações sexuais pubertárias, baseadas no ideal do eu. Esse salto, na linguagem freudiana, é o de superar a ignorância da vagina. Para Lacan, trata-se do surgimento da significação do falo (Coelho dos Santos, 2009, p. 11).

Segundo a autora, as manobras histéricas e obsessivas traduzem o fracasso nessa ultrapassagem. Ninguém sabe o que é um homem ou uma mulher, mas o neurótico é aquele que diante desse enigma pode se servir da identificação ao tipo ideal, ele não crê numa identidade como faz o psicótico. Por isso a identificação é um processo sempre em vias de ir mais além, nunca se completa. Ela depende da cessão do objeto em favor da conservação de um traço ideal, o que significa uma transubstancialização do gozo com o objeto primário em gozo sexuado.

Que o pai se faça preferir à mãe é a fórmula da metáfora paterna, cujo produto é a significação fálica. No curso da constituição subjetiva, a promoção do falo como significante privilegiado da partilha sexual promove a entrada dos sujeitos na comédia dos sexos de uma maneira bastante específica. A relação ao falo conduz homens e mulheres a se postarem diferentemente frente ao Outro sexo, orientados pelo binômio do ter e do ser. De modo dissimétrico, a significação fálica da falta coloca para ambos os sexos um horizonte ideal que captura o desejo. O falo é, portanto, o significante que preside

a cópula, não apenas a cópula dos corpos, mas a cópula entre significante e significado, entre corpo anatômico e semblantes do sexo, ele é um significante, por assim dizer, “copulatório” (Lacan, 1966/1998d).

Como toda metáfora, a metáfora paterna promove um ganho de significação, a função paterna é responsável por dotar o gozo pulsional de sentido sexual, o sentido fálico – há dois tipos de sujeitos no mundo, fálicos e castrados. Digamos que essa é uma ficção enraizada no real dos corpos e que promove a aquisição de uma posição no mundo, orientada pelas estruturas elementares do parentesco posto que regida pela proibição do incesto e a posição geracional e sexual do sujeito. Esse tratamento sexual do gozo depende dos destinos do complexo de castração, se ele incide e se o sujeito com ele consente.

O complexo de castração tem para Lacan (1958/1998b) função de nó:

- 1.º na estruturação dinâmica dos sintomas, no sentido analítico do termo, quer dizer, daquilo que é analisável nas neuroses, nas perversões e nas psicoses;
- 2.º. numa regulação do desenvolvimento que dá a esse primeiro papel sua *ratio*, ou seja, a instalação, no sujeito, de uma posição inconsciente sem a qual ele não poderia identificar-se com o tipo ideal de seu sexo, nem tampouco responder, sem graves incidentes, às necessidades de seu parceiro na relação sexual, ou até mesmo acolher com justeza as da criança daí procriada (p. 692).

As consequências da argumentação feita até aqui apontam para o fato de que uma estrutura inconsciente universal governa os fenômenos humanos, desde a esfera mais íntima até a esfera pública. A identificação ao tipo ideal, as relações sexuais e a família constituem formações mistas que representam que o indivíduo está em seu campo e também na *polis*: “Assim como o planeta orbita em torno de seu corpo central enquanto executa uma rotação sobre seu próprio eixo, assim também o ser humano individual participa no desenvolvimento da humanidade, enquanto segue seu próprio caminho na vida” (Freud, 1930/2020b, p. 399). O que os sujeitos fazem e como se relacionam está lastreado por uma estrutura inconsciente que se transmite para cada sujeito a partir de sua constituição no seio de uma família: “A experiência ensinou a Freud que os complexos de Édipo e de castração são os fundamentos da constituição subjetiva. E da determinação de seus efeitos inconscientes, ninguém escapa. Esses efeitos são a base de constituição de todas as famílias” (Lopes & Coelho dos Santos, 2017, p. 66).

Dessa feita, quando abordamos os problemas da sexualidade, das identidades e da família desde a psicanálise, nenhum desses termos pode ser reduzido nem à natureza pura, nem a representações sociais. Pai e mãe não são meros papéis sociais, eles estão assentados nas credenciais simbólicas oriundas da passagem de cada sujeito pelo complexo de castração. A crença de que o exercício dos papéis sexuais pode ser reduzidos a cuidados vitais, fere o princípio psicanalítico da

existência do inconsciente³. A família tem causa sexual, uma mulher deseja ser mãe desde sua *Penisneid*. Um pai é aquele que:

Só tem direito ao respeito, senão ao amor, se o dito amor, o dito respeito, estiver (...) père (pai)-versamente orientado, quer dizer, feito de uma mulher objeto pequeno *a* que causa seu desejo; mas o que essa mulher pequeno *a* acolhe (...) nada tem a ver na questão. Do que ela se ocupa são outros objetos pequeno *a*: as crianças, junto a quem, então, o pai intervém, excepcionalmente, no bom caso, para manter na repressão, (...) a versão que lhe é própria de sua *paiversão*. Única garantia de sua função de pai; que é a função de sintoma (...). Para isto, basta aí que ele seja um modelo da função. Aí está o que deve ser um pai, na medida em que só pode ser um modelo da função. Ele só pode ser modelo da função realizando o tipo. Pouco importa que ele tenha sintomas, se acrescenta aí o [sintoma] da perversão paternal, isto é, que a causa [do seu desejo] seja uma mulher que ele adquiriu para lhe fazer filhos e que com estes, queira ou não, ele tem cuidado paternal. A normalidade não é a virtude paterna por excelência (Lacan, 1974-1975).

Quando para engendrar uma criança pode-se prescindir de todas as operações de constituição psíquica reveladas pela psicanálise, temos de deduzir que isso tem efeitos. Desde o advento da reprodução assistida, a relação ao homem não é mais necessária à fabricação de uma criança. Os avanços da ciência empurram o desejo de ter filhos cada vez mais para a esfera da vontade consciente e o desconectam com frequência das relações de amor entre um homem e uma mulher. Reduz as funções parentais ao exercício de tarefas.

Se por um lado a potência fálica do pai declina, enquanto operadora do adiamento do gozo em nome de uma promessa, há um incremento do poder da mãe. "É o poder fálico da mãe que representa a verdadeira dimensão tóxica do poder. Se não interditado, o gozo materno mantém cativo o filho na condição de seu objeto" (Steffen, 2019, p. 196).

Miller (2011) aponta que a regência do falo vem perdendo tónus tornando o laço social mais próximo da lógica feminina da sexualidade. Assistimos a destituição da máquina coletiva e a ascensão do direito a um modo individual de gozo, o que acaba por esgarçar o tecido social. Para Miller (2011) essa maquinaria está diretamente relacionada a globalização e à fragmentação que a era da informação produz, o significante não chega mais ao sujeito em blocos organizados:

Por um curto-circuito, admitir que a máquina que coloca em cena o que chamamos globalização é o não-todo corresponde, para Lacan, que o reporta à sexualidade feminina, a dizer que é possível relacionar essa estrutura ao que se observa da ascensão dos valores ditos femininos na sociedade, dos valores compassivos, da promoção da atitude de escuta, da política da proximidade, que devem daí em diante afetar os dirigentes políticos. O espetáculo do mundo

talvez se torne decifrável, mais decifrável se o relacionarmos à máquina do não-todo. (Miller, 2011, p.12)

Estaríamos diante de uma interferência preocupante nas estruturas fundantes do laço social, ou apenas uma reconfiguração dos termos?

A pós-modernidade e o paradigma desconstrucionista

Ao final da década de 60, explodiu no Ocidente uma série de movimentos cujo lema era o ataque aos paradigmas tradicionais que regiam os costumes até então. Em 1955, tinha início a Guerra do Vietnã que fomentou nos EUA forte oposição da juventude que encabeçou o movimento hippie conhecido pelo lema "faça amor, não faça guerra" e "é proibido proibir". A juventude norte-americana aderiu à esquerda de modo a responsabilizar o capitalismo pujante no país mais rico do mundo pelas injustiças e desigualdades sociais, dando corpo aos movimentos de contracultura. Enquanto isso parte da comunidade europeia aliada dos EUA na Segunda Guerra Mundial recebeu grandes investimentos para reconstrução, através do plano Marshall. O mundo assistiu um imenso avanço tecnológico e industrial no pós-guerra que impactou de modo imprevisto as subjetividades.

A pós-modernidade é esta revolução nos costumes que começa a ser preparada ao longo dos anos 50, período em que muitas nações vão conhecer um crescimento industrial e tecnológico estupendo com efeitos de aumento notável no acesso a uma melhor qualidade de vida e ao consumo de bens e serviços, por parte de uma parcela considerável da população desses países (Coelho dos Santos, 2019, p.18).

Foi a chamada Era de Ouro ou anos dourados, que alterou profundamente as relações entre os laços individuais e coletivos. Após a Segunda Guerra Mundial houve intenso crescimento industrial e tecnológico. Assistimos a melhora significativa, nunca antes vista, na qualidade de vida dos cidadãos. Isso promoveu mudanças no comportamento dessa geração, principalmente para os jovens que nunca antes haviam sido consumidores e ao final dos anos 50 puderam, graças à prosperidade vigente, ter um dinheiro para gastar com eles mesmos. Houve um *boom* do mercado da moda e da música.

Essa efervescência cultural, envolta em clima de contestação, culminou nos movimentos de maio de 68. Movimento revolucionário de contracultura e contra o autoritarismo cuja inspiração era a Revolução Francesa com seus ideais de "liberdade, igualdade e fraternidade", havia nele uma curiosa mobilização dos estudantes universitários em prol do proletariado, contestando a acumulação capitalista, a propriedade privada, os regimes de trabalho nas fábricas, etc.

Nunca Houve um ano como 1968 e é improvável que volte a haver. Numa ocasião em que nações e culturas eram separadas e muito diferentes -, em 1968, Polônia, França, Estados

Unidos e México eram muito mais diferentes um do outro do que são hoje – ocorreu uma combustão espontânea de espíritos rebeldes no mundo inteiro. (...) Único em 1968 foi o fato de que as pessoas rebelaram-se em torno de questões disparatadas e tiveram em comum apenas seu desejo de se rebelar, suas ideias sobre como fazer isso, uma sensação de alienação da ordem estabelecida e um profundo desagrado pelo autoritarismo sob qualquer forma. Onde havia comunismo, rebelaram-se contra o comunismo; onde havia capitalismo, voltaram-se contra isso. Os rebeldes rejeitaram a maioria das instituições, dos líderes políticos e dos partidos políticos (Kurlansky, 2005, p. 13-14, citado por Coelho dos Santos, 2019, p. 22).

Chamamos a atenção para a estreita relação entre a abundância e o bem-estar social com as “reivindicações disparatadas”. Afinal, do que se queixavam esses jovens de classe média-alta que de repente rebelaram-se em nome do tal proletariado? “Esse paradoxo entre radicalismo político e bem-estar social é o fenômeno que mais causa surpresa ainda nos dias de hoje” (Coelho dos Santos, 2019, p. 22).

Nos Brasil, os anos 60 trouxeram os ventos da modernização, o movimento feminista já estava a tempos advogando em nome da igualdade de direitos e papéis, a psicanálise já participava da cultura de modo amplo e o individualismo ganhava cada vez mais espaço em lugar do compromisso coletivo:

Ser feliz tornou-se, por volta dos anos 1960, uma obrigatoriedade moral, higiênica e científica. Para acreditar nisso foi preciso reduzir o recalque (repressão) às coerções sociais e culturais exteriores ao eu. Foi preciso reduzir a diferença sexual à desigualdade de papéis sociais entre homens e mulheres. Foi preciso reduzir o mal-estar na cultura ao desconforto transitório e passageiro numa determinada configuração de valores, a da família autoritária dos anos 1950 (Coelho dos Santos, 2001, p. 87).

A modernização em curso engendrou uma ideologia cujo objetivo é se liberar cada vez mais das coerções externas: “o individualismo é um mito que serve ao recalque da determinação simbólica” (Coelho dos Santos, 2001, p. 25), ou seja, serve à ilusão de que seria possível não estar lastreado pelas determinações que advém do campo do Outro, nem ser coagido por regras sociais. O casamento e a família passaram a ser acusados de ser o *locus* de uma lógica patriarcal e opressora.

A difusão da psicanálise participou ativamente da modernização dos costumes, principalmente no que diz respeito ao relacionamento entre os sexos. Segundo Coelho dos Santos (2001), em 1963 Carmem da Silva introduz na revista direcionada ao público feminino *Cláudia* uma nova psicologia, baseada na psicanálise. Associam-se psicanálise e críticas feministas, cujas reivindicações avançam na direção da igualdade e da liberdade de homens e mulheres perante o trabalho e o sexo.

O aconselhamento sustentado por Carmem da Silva é bem menos diretivo do que os anteriores, sua intenção é fazer pensar, interrogar, especular, pôr em dúvida. Estimula-se a confiança no diálogo.

Encoraja as mulheres para o trabalho extradoméstico, cuja ideia é “trabalhar para não ser bibelô” (Coelho dos Santos, 2001, p. 96). Combate o casamento infeliz cuja principal causa estaria na divisão segregada de papéis, falta de diálogo, falta do trabalho extradoméstico da mulher e a degradação sexual masculina típica, a chamada “dupla moral”. Carmem da Silva propõe a responsabilidade subjetiva pela escolha dos cônjuges e espanta-se com a resistência das mulheres em serem responsáveis por suas escolhas amorosas: “o nome de Freud será então evocado para suspender a presunção de inocência e implicar os queixosos com as causas de seus sofrimentos” (Coelho dos Santos, 2001, p. 63).

Se nas décadas de 60 e 70 a tônica das reivindicações era a igualdade entre os sexos, na década de 80 floresceu o ideal narcísico de ser si mesmo: cada um é um. O soerguimento da particularidade em detrimento da coesão social é a marca de nossa época. No Brasil, surge em 1975 o Movimento de Libertação Homossexual, do qual participavam intelectuais que haviam sido exilados e traziam do exterior os ventos revolucionários com “inquietações políticas feministas, sexuais, ecológicas e raciais que então circulavam internacionalmente” (Louro, 2020, p.28).

É inegável que depois de maio de 68 o mundo assistiu ao levante de movimentos sociais em nome das mais diversas causas. Os discursos sobre o sexo, acompanhando o que Foucault (1976/2019) já havia diagnosticado, cresceu a olhos nus. Uma variedade de reivindicações floresce no campo aberto por maio de 68. Na década de 90 desponta a teoria *queer*:

Os/as teóricos/as *queer* constituem um agrupamento diverso que mostra importantes desacordos e divergências. Não obstante, eles/elas compartilham alguns compromissos amplos – em particular, apoiam-se fortemente na teoria pós-estruturalista francesa e na desconstrução como um método de crítica literária e social; põem em ação, de forma decisiva, categorias e perspectivas psicanalíticas; são favoráveis a uma estratégia descentrador ou desconstrutiva que escapa das proposições sociais e políticas programáticas positivas; imaginam o social como um texto a ser interpretado e criticado com o propósito de contestar os conhecimentos e as hierarquias sociais dominantes. (Seidman, 1995, como citado em Louro, 2020, p. 36).

O paradigma pós-moderno é desconstrucionista. Elegeu a desconstrução como ferramenta política por excelência. Judith Butler, filósofa norte-americana, é a principal representante desse movimento, sendo hoje referência para um vasto campo de disciplinas, em especial a educação, a filosofia, a psicologia, a arte e por fim, a psicanálise também. Butler (1990/2020) recusa o valor das categorias identitárias ao trazer à baila, inspirada em Foucault, que as identidades e suas normas regulatórias são frutos de regimes de poder, cujo objetivo é, para ela, a manutenção de uma ordem heterossexual e patriarcal. Sua política consiste em desvelar a construção **fictícia** dos fatos da identidade e da sexualidade, demonstrar a arbitrariedade das correlações entre sexo, gênero e desejo.

Descontrói a natureza do sexo, que desde sempre já se configura como gênero, posto que não há nada que preexista ao discurso e demonstra verdadeira obsessão em desiludir o humano de toda e

qualquer ficção duradoura e há tempos consolidada. Butler (1990/2020) corrompe a premissa que haja consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. Para ela tudo está no campo das consequências discursivas, corrompendo assim a precedência da natureza sobre a cultura. É claro que conforme demonstramos até agora, não há realidade sexual sem a maquinação simbólica, mas essa maquinação incide sobre os termos da natureza dos corpos.

O paradigma pós-moderno invalida tudo aquilo que resulta da transmissão simbólica, afetiva e cultural de uma família constituída por um homem, uma mulher e seus filhos naturais. O homem não é mais considerado parte da natureza. Sexo e gênero são dissociados. O homem nem sequer precisa imitar a natureza. Não faz nem mesmo semblante de ser parte dela. Sua sexualidade nada tem a ver com a reprodução. Esta última pode ser providenciada graças aos artifícios da ciência (Coelho dos Santos, Coelho dos Santos & Oliveira, 2021, p. 311-312).

Os sujeitos que aderem ao paradigma da desconstrução de tudo e todos, demonstram com quem é feita sua aliança: com o gozo perverso-polimorfo da pulsão. Não há em Butler (1990/2020) nenhuma menção ou preocupação com o amor, o desejo, o casamento, a família, os filhos, absolutamente nenhum compromisso com as estruturas elementares de parentesco, nem mesmo com as trocas simbólicas e alianças entre sujeitos, apenas uma ode a performatividades disruptivas.

Não existe para ela causa inconsciente da identidade sexuada e do desejo, são frutos de uma ordem compulsória que vem desde fora do sujeito. Recusa o desamparo estrutural do humano, que se agarra ao Outro como salvação, que adere à sexuação masculina e feminina como tratamento privilegiado da pulsão de morte. Recusa com isso, a responsabilidade subjetiva, a determinação inconsciente, o desejo como desejo do Outro. Também não encontramos qualquer respeito a dimensão da psicopatologia, e precisamos lembrar que o diagnóstico serve para a proteção da vida e não para oprimir. A psicanálise precisaria jogar um bocado de coisas fora para entrar no barco pós-moderno.

Isso deriva do fato simples, porém ignorado, de que a teoria *queer* advém de uma posição filosófica, ideológica e política, e não da experiência clínica com os efeitos do inconsciente tal como preconizada pela psicanálise (Coelho dos Santos, Coelho dos Santos & Oliveira, 2021). O discurso pós-moderno demonstra afinidade com o discurso do capitalismo, promove uma mutação na razão moderna que agenciava os sujeitos em torno da renúncia e da recuperação do gozo, em nome de uma oferta de gozo que prescindia da renúncia e das prescrições, o sujeito aderido à ideologia desconstrucionista está condenado a inventar a roda a cada vez porque não aceita qualquer ordenamento de outrem.

Conclusão

As estruturas elementares do parentesco são uma herança relativa às bases de toda civilização e não devem ser confundidas com os costumes mais ou menos patriarcais que a elas foram associados (Coelho dos Santos, Coelho dos Santos & Oliveira, 2021). Assistimos a difamação generalizada da

natureza e da tradição.

Quando um dos termos da relação de aliança recusa-se a renunciar, ele paralisa todo o sistema. Quando o sujeito permanece para sempre na posição de *phallus* materno ou preso à interpretação imaginária da castração – ameaça e inveja -, ele está condenado a estabelecer com o outro uma guerra sem fim, não há saída para pacificar tais relações. Tratar questões íntimas no campo das causas sociais e coletivas conduz ao anonimato da causa do desejo. “O mundo em que vivemos caracteriza-se pelo embate entre o paradigma moderno, ainda vivo, e por um conjunto de novos paradigmas que se apoiam na convicção tenaz de que tudo é possível” (Coelho dos Santos, Coelho dos Santos & Oliveira, 2021, p. 315). Teremos alcançado um estágio de civilização que engendra seu próprio fim? A revolução sexual deu sua volta completa: “faça a guerra, não faça amor” (Steffen, 2019, p. 09).

Ao verificar a constante fragilização das bases tradicionais que ordenavam a apreensão do real, a própria psicanálise se vê ameaçada de extinção. A base inconsciente da sexualidade, da relação aos pares, das famílias está em franco ataque. A responsabilidade moral que Freud defendeu diante do conteúdo dos sonhos e outras formações do inconsciente é cada vez mais denegada em nome de narrativas indenizatórias. O Outro da cultura ou da família tornou-se depositário de uma dívida impagável. A alteridade sexual se transformou no vilão da relação entre os sexos, cuja agressividade atingiu ares de guerra civil, não parece mais aceitável a existência dos semblantes sexuais nem da diferença psicológica entre homens e mulheres. O desmentido da determinação simbólica da experiência humana, por sua vez, promove um verdadeiro desbussolamento pulsional, deixando o sujeito contemporâneo entregue ao pior da pulsão de morte.

Dessa feita, é preciso interrogar se a política da desconstrução é compatível com a política da psicanálise. Desconstruir conduz a subjetivação do real impossível, à ética do desejo e à responsabilidade pelo gozo? Ou, pelo contrário, conduz ao pior?

Nota:

1. Esse artigo constitui breve síntese da pesquisa de doutorado em andamento, realizada no Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica (PPGTP/UFRJ) que conta com fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), sob orientação da Prof^a Dra. Tania Coelho dos Santos.
2. A temática da sexualidade na contemporaneidade tem sido amplamente trabalhada nos seminários ministrados pela Prof^a Dra. Tânia Coelho dos Santos no Programa de Pós- Graduação em Teoria Psicanalítica (PPGTP) – UFRJ. Destacamos o seminário publicado *Sinthoma: corpo e laço social* (2006) e as disciplinas ministradas entre 2019-2021, cujo eixo central se intitula *A clínica da civilização no século XXI*.
3. A relação entre os papéis sexuais e a constituição da família encontra-se entre os temas de destaque discutidos nos seminários ministrados pela prof^a Dra. Tânia Coelho dos Santos no PPGTP-UFRJ em 2020-2021.

Referências Bibliográficas

- Basualdo, C. (2013). Lacan ou Lévi-Strauss não eram moralistas apocalípticos: entrevista concedida a Sylvia Duverger. *Centro latino-americano em sexualidades e direitos humanos- CLAM*. Recuperado de <http://www.clam.org.br/entrevistas/conteudo.asp?cod=10445>
- Beauvoir, S. (2007). As Estruturas Elementares do Parentesco de Claude Lévi-Strauss. *Campos- Revista de Antropologia*, 08(01), 183-190. Recuperado de <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/9547/6621>. doi: 10.5380 / cam.v8i1.9546
- Butler, J. (2020). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1990).
- Coelho dos Santos, T. (2001). *Quem precisa de análise hoje? O discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Coelho dos Santos, T. (2006). *Sinthoma: corpo e laço social*. Transcrição do seminário ministrado por Tania Coelho dos Santos no PPGTP/IP/UFRJ e na Seção Rio da Escola Brasileira de Psicanálise, no primeiro semestre de 2005. Rio de Janeiro: Ed. Sephora/UFRJ.
- Coelho dos Santos, T. (2009). Sobre a clínica da psicanálise de orientação lacaniana: dos impasses da sexuação à invenção do parceiro-sinthoma. *Ágora: estudos em Teoria Psicanalítica*. 12(01), 9-26. Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/agora/v12n1/01.pdf>. doi:10.1590/S1516-14982009000100001
- Coelho dos Santos, T. (2014). Do supereu sujeito à lei simbólica à normatividade supersocial dos corpos falantes. In T. Coelho dos Santos, J. Santiago & A. Martello (Orgs.). *Os corpos falantes e a normatividade do supersocial*. (pp. 27-62). Rio de Janeiro: Cia de Freud.
- Coelho dos Santos, T. (2019). O que é e onde começa a pós-modernidade? In T. Coelho dos Santos, A. L. Santiago & F. L. G. Oliveira (Orgs.). *Reconfigurações do Imaginário no Século XXI*. Curitiba: CRV.
- Coelho dos Santos, T., Coelho dos Santos, C., & Oliveira, F. L. G. (2021). Diferença e diversidade sexual na psicanálise, nos costumes e no direito *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, 24 (2), 308-332. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/rjlpf/a/ZVKbqz5P4nqStR9DfjyFBbL/>. doi:10.1590/1415-4714.2021v24n2p308.5
- Coelho dos Santos, T., & Lopes, R. G. (2013). *Psicanálise, ciência e discurso*. Rio de Janeiro: Cia de Freud.
- Foucault, M. (2019). *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1976)
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In P. C. Souza (Trad.), *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos* (Vol.12, pp. 13-50) São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2019a). Sobre as terias sexuais infantis. In M. R. S. Moraes (Trad.), *Amor, sexualidade e feminilidade* (pp. 95-115). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em

- 1908).
- Freud, S. (2019b). Organização genital infantil. In M. R. S. Moraes (Trad.), *Amor, sexualidade e feminilidade* (pp. 237-245). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2019c). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In M. R. S. Moraes (Trad.), *Amor, sexualidade e feminilidade* (pp. 259-276). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (2020a). A moral sexual "cultural" e a doença nervosa moderna. In M. R. S. Moraes (Trad.), *Cultura, Sociedade, Religião: O mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 65-97). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1908).
- Freud, S. (2020b). O mal-estar na cultura. In M. R. S. Moraes (Trad.), *Cultura, Sociedade, Religião: O mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 305-410). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (2020c). Por que a guerra? In M. R. S. Moraes (Trad.), *Cultura, Sociedade, Religião: O mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 421-443). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1933).
- Lacan, J. (1974-1975). *O Seminário 22: RSI*. Inédito.
- Lacan, J. (1995). *O Seminário, livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1956-1957).
- Lacan, J. (1998a). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953).
- Lacan, J. (1998b). A significação do falo. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 692-703). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958).
- Lacan, J. (1998c). Subversão do sujeito e dialética do desejo. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 807-842). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960).
- Lana, J. (1998d). A Ciência e a verdade. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 869-892). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1999). *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1957-1958)
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lévi-Strauss, C. (1982). *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1949).
- Lévi-Strauss, C. (1983). A Família. In C. Carvalho (Trad.). *O olhar distanciado*. São Paulo: Edições 70. (Trabalho original publicado em 1956).
- Lévi-Strauss, C. (2008). *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify. (Trabalho original publicado em 1949).

- Lopes, R. G., Coelhos dos Santos, T. (2017). Somos todos adotados? Parentalidade, família e filiação. *Cadernos de Psicanálise-SPCRJ*. 33 (1), 63-71. Recuperado de https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=8JYW7FMAAAAJ&citation_for_view=8JYW7FMAAAAJ:roLk4NBRz8UC
- Louro, G. L. (2020). *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Mead, M. (2000). *Sexo e temperamento*. São Paulo: editora Perspectiva. (Original publicado em 1935).
- Miller, J-A. (2011). Intuições milanesas II. *Opção lacaniana online nova série*. 2(6), 1-21. Recuperado de http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/Intuicoes_Milanesas_II.pdf
- Rosaldo, M. (1980). O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural. *Signs: Journal os Women in Culture*, 05 (03), 389-417. Recuperado de <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1581/rosaldo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.
- Steffen, R. (2019). A guerra dos sexos. *Revista de Filosofia do IFCH da Universidade Estadual de Campinas*, 03(06), 188-199. Recuperado de <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos/article/download/4025/3078/>
- Sztutman, R., & Nascimento, S. (2004). Antropologia de corpos e sexos: entrevista com Françoise Héritier. *Rev. Antropol.* 47 (1), 235-266. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/ra/a/NmPxwLLFcfTQkrfXm6ybtbgM/?lang=pt&format=pdf> . doi: 10.1590/S0034-77012004000100007

Citação/Citation: Borges, F. De S., & Coelho dos Santos, T. (mai. 2021 a out. 2021). A razão moderna e a pós-modernidade: aliança, sexualidade e diversidade sexual. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 16(32), 38-63. Disponível em www.isepol.com/asephallus. Doi: 10.17852/1809-709x.2019v16n32p38-63

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/Received: 19/03/2021 / 03/19/2021.

Aceito/Accepted: 26/04/2021 / 04/26/2021.

Copyright: © 2019 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.